

# As manifestações culturais e o ensino da arte\*

*Aurora Terezinha Doering Brustolin\*\**

## **Resumo**

Este texto tem por objetivo fazer uma reflexão sobre a importância das manifestações culturais no ensino da arte. Faz considerações sobre a pluralidade cultural, os temas transversais na educação, o papel da escola e do arte-educador. Evidencia principalmente, entre as manifestações, as narrativas orais oriundas de cada região, valorizando seu conhecimento e memória, através de resgate em atividades desenvolvidas no processo educacional e registradas plasticamente através da representação artística.

**Palavras-chave:** Pluralidade Cultural; Ensino da Arte; Narrativas orais.

## Parâmetros Curriculares Nacionais e Pluralidade Cultural

O Brasil como um país heterogêneo em sua formação, possui uma diversidade étnica e cultural que deve ser respeitada e valorizada. “Por sua formação histórica, a sociedade brasileira é marcada pela presença de diferentes etnias, grupos culturais, descendentes de imigrantes de diversas nacionalidades, religiões e línguas. (PCNs, 1998, p.68) Através do estudo e aplicação do conceito de Pluralidade Cultural relacionado ao Ensino da Arte é possível valorizar essa diversidade, já que, como está nos PCNs, “Essa diversidade etnocultural freqüentemente é alvo de preconceito e discriminação, atingindo a escola e reproduzindo-se em seu interior”.

O conhecimento da Pluralidade Cultural deverá contribuir para a superação dos preconceitos e atitudes discriminatórias, para que se chegue mais perto da valorização e do respeito entre as pessoas na sociedade. Inserido no meio cultural em que foi socializado, o ser humano é herdeiro de um longo processo cumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam.

Buscando construir uma educação básica cujo objetivo maior está centrado na cidadania, os PCNs propõem uma referência curricular nacional que poderá se adequar a cada estado, município ou escola, dependendo de suas propostas implícitas na realidade regional. O objetivo é garantir aos alunos de todas as regiões brasileiras, tanto os das cidades como os das zonas rurais, o direito de acesso aos conhecimentos que são indispensáveis para a construção de sua cidadania.

As questões sociais a serem incluídas no currículo escolar formam um conjunto articulado e aberto a novos temas, que podem ser contextualizados e priorizados pela escola a partir das diferentes realidades locais e regionais. É necessário que se conheça as identidades nacionais e regionais, para que se possa proporcionar ao educando a construção de uma postura autônoma e crítica, que, respeitando as diferentes opiniões, o leve também a defender seus

direitos, exercendo a plena cidadania.

Também é importante lembrar que o bem maior de uma nação é seu patrimônio humano, o qual deve ser “cuidado, protegido e promovido”, como é salientado nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A vida social brasileira tem diferentes características regionais, manifestações e leis que regem a organização social nos grupos e regiões, a vivência das pessoas e suas relações. As diferentes vivências entre o campo e a cidade propiciam às suas populações respostas culturais diversas, que implicam distintos ritmos de vida, ensinamentos de valores e formas de solidariedade. Essa diversidade precisa ser conhecida e entendida, assim como é preciso que se conviva com ela. É na diversidade das culturas históricas que o país construiu sua população, mistura de grupos humanos cujas culturas são já resultado de outras misturas, como coloca Canclini (1980, p.78).

Os dados de uma realidade local contribuem para formar uma proposta curricular a ser aplicada na própria localidade. A cultura popular precisa ser conhecida e trabalhada para que o educando perceba a sua realidade e desenvolva suas potencialidades, aproveitando a bagagem cultural que traz de sua construção pessoal.

A cultura do meio familiar e comunitário é de vital importância para a formação do indivíduo. Nenhum saber pode ser negligenciado. Conforme Cascudo (1984), as sociedades humanas existem num espaço cuja formação e configurações sociais são específicas; vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído. Evidencia-se em todas as atividades o complexo cultural entranhado nas pessoas, sem que elas próprias tomem consciência disso.

Quando se pensa o ensinar, é importante entender que ele exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, ou seja, aqueles aspectos de nossas identidades que, na definição de

Hall (1999, p.1), surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e nacionais. Freire (1999) coloca que:

questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos (p.47).

Há um grande desafio para a educação: estabelecer conexões entre o currículo e o cotidiano. É a escola um dos espaços em que se dá a convivência entre estudantes de origem e nível sócio-econômicos diferentes, com costumes e diferentes visões de mundo que partem da vida em família, que se pode fazer esse elo de ligação. É com a diversidade que se aprende.

Na ação docente muitas vezes se pensa que ensinar seja preparar um conteúdo e apresentá-lo em sala de aula, efetivando o ritual de rotina. Porém, para completar este estudo é necessário procurar entender o papel do professor que, segundo Masetto (1990), “desponta como sendo o de facilitador da aprendizagem de seus alunos. Seu papel não é ensinar, mas ajudar o aluno a aprender; não é transmitir informações, mas criar condições para que o aluno adquira informações;” e ainda que “não é fazer brilhantes preleções para divulgar a cultura, mas organizar estratégias para que o aluno conheça a cultura existente e crie cultura (p. 11).

O professor como facilitador pode propiciar ao seu aluno a oportunidade de conhecer as culturas locais para que ele possa, com o auxílio delas, aplicar sua criatividade. O lugar onde se desenvolve a inventividade se torna fascinante e propicia aquela dose de “alucinação” entusiástica, em meio à qual o processo de aprender acontece realmente.

Na formação de um professor é fundamental conhecer os clássicos, fazendo dali um caminho à atualidade, ou vice-versa, assim também o ser humano precisa conhecer suas raízes, sua essência, para compreender o que o rodeia. A expressão do social e da cultura

que caracterizam os seres humanos é que faz a educação. O/a educador/a precisa contribuir para ampliar as perspectivas do ser humano e torná-lo útil para a sociedade e para o mundo.

Regina Migliorini (Apud Inoue, p.51), afirma que, na educação é importante descobrir novas identidades, respeitar as diferenças, promover a harmonia e a integração, porque a construção do trabalho educativo é mesmo coletiva, vai depender do professor, do aluno, da família e da escola como um todo. Os desenvolvimentos conceituais proporcionados na escola vão contribuir para o conhecimento das manifestações culturais da comunidade social e sua valorização. A relação das pessoas com a organização do seu grupo, com o sagrado, o mágico, o sobrenatural, com o patrimônio cultural e tudo que o precede e sucede, como dizem os PCNs, são fatos que caracterizam a existência da cultura (p.42).

A diversidade étnica e social foi por muito tempo dissimulada no Brasil, com a idéia de que se tinha uma homogeneidade cultural. Isso, além de fugir à realidade, prejudicava o conhecimento que se deve ter das contribuições dos diversos povos que compõem a identidade nacional. Hoje se entende que é importante reconhecer e valorizar as características específicas de regiões, etnias e de cada ambiente escolar.

É importante procurar familiarizar os educandos com as realizações culturais, intelectuais, morais, artísticas, religiosas etc. de outras culturas e com as memórias registradas através dos tempos, tanto na literatura quanto nas artes. Os que não estudam outras culturas terão mais dificuldades de entender as diferenças, fechando-se para a riqueza cultural da humanidade, e perderão também um pouco da capacidade de aprender e de se humanizar.

Como dizem os PCNs (p.57), a pluralidade cultural é um trabalho de construção onde todos se envolvem com respeito e com o conhecimento de que nada sabemos do outro, se ele não nos fornecer subsídios sobre ele; apenas poderemos imaginar coisas, o que não é produtivo nem correto.

## Arte e Educação

A Arte, presente desde o início da humanidade, possibilita às pessoas através de todos os sentidos, uma melhor compreensão das questões sociais. Ela está inserida em todas as situações profissionais, nos diferentes ramos de atividades. O ser humano precisa ser instigado na dimensão de seus sonhos, em sua comunicação com o que o rodeia, enfim, na busca de seu sentido de vida.

Como ser capaz de refletir sobre os mistérios do mundo, o homem sempre sentiu a necessidade de comunicar-se para melhor entender e integrar o mundo que o rodeava. Sabe-se que na antiguidade comunicava-se através de desenhos e desde ali foi desenvolvendo sua criatividade e habilidades, ensinando-as aos outros. Ensinar e aprender também fazem parte da vida e a arte tem uma grande contribuição na formação das pessoas. É nas formas mais simples do fazer artístico que são realizadas pelas pessoas de nosso convívio, que se aprende a valorizar a arte.

Constituiu-se o movimento de Arte-Educação no Brasil e ampliaram-se as discussões sobre o ensino de arte. O movimento que procurava conscientizar e organizar os profissionais surgiu na década de 80 e com a Lei 9.394/96 o ensino da arte tornou-se obrigatório na educação básica. Seu objetivo era qualificar e valorizar o professor, gerando novas metodologias e concepções. Os PCNs reforçam o conhecimento de que a atividade artística para a escola, que até bem pouco tempo apenas visava comemorações de datas cívicas e a decoração do cotidiano escolar, tem agora uma nova visão. Embora ainda não seja o ideal, estamos nos encaminhando para novos princípios, para um novo pensar em direção da arte na educação.

Nos PCNs (1998), o que está colocado em relação à Arte é que

...é apresentada como área do conhecimento que requer espaço e constância, como todas as áreas do currículo escolar. O aluno aprende com mais sentido para si mesmo quando estabelece relações entre seus trabalhos artísticos individuais,

em grupos, e a produção social de arte, assimilando e percebendo correlações entre o que faz na escola e o que é e foi realizado pelos artistas na sociedade no âmbito local, regional, nacional e internacional. Aprender Arte envolve, além do desenvolvimento das atividades artísticas e estéticas, apreciar arte e situar a produção social da arte de todas as épocas nas diversas culturas. (p.63)

A maneira como a arte se desenvolve em sala de aula, como um conteúdo com atividades que estão interligadas ao fazer artístico do aluno, relacionando a sua prática com a de outros artistas, situa esse aluno e o faz refletir sobre as diversas culturas. Sendo uma área hoje tão valorizada como a da Matemática, por exemplo, a Arte vai envolver o aluno de tal forma que ao valorizar a disciplina ele estará, implicitamente, produzindo em benefício próprio, valorizando suas raízes e resgatando suas memórias.

Sabe-se que o que mais caracteriza a diversidade e a unidade de um país são suas músicas, seu teatro, suas formas e cores, sua dança, seu folclore, suas poesia, suas narrativas orais, enfim, suas manifestações culturais. Sendo assim: por que não trabalhar essas manifestações de maneira conjunta? Realizar atividades interdisciplinares que contextualizem e ao mesmo tempo desperte a curiosidade do aluno pela própria cultura?

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor (PCNs, Arte, p. 03 ).

Produzida pelo ser humano, por seu questionamento de vida e de mundo, a arte se caracteriza como um tipo particular de conhecimento. A influência do momento histórico vivido reflete-se

na criação de arte. Por diversas manifestações o ser humano expande seu sentir nas criações que realiza, nas inovações que produz. Como diz Canclini, “A estreita relação das novas manifestações artísticas com as transformações sociais torna evidente algo que é válido para a arte de todas as épocas: a necessidade de analisá-la junto com seu contexto histórico”. (1980, p.3)

Precisa-se analisar a arte como um processo social e comunicacional, levando o aluno a entender, valorizar e situar a obra, relacionando-a com o seu cotidiano e sua época. A relação que o aluno, em sua prática de fazer e pensar o trabalho artístico, realiza em sala de aula com a arte, concretizada na história, lhe garante uma aprendizagem dos valores e dos modos de produção artística nos meios socioculturais.

A cultura do próprio grupo social propicia ao estudante o acesso ao saber no que diz respeito aos conhecimentos das culturas brasileiras, e também ao patrimônio universal da humanidade. Utilizando esse patrimônio artístico-cultural, assim como o específico patrimônio brasileiro e regional, consegue-se realizar um trabalho educacional onde o conhecimento artístico vai contribuir para a formação do cidadão. Importante salientar a necessidade de ir além da noção de patrimônio cultural como algo estático e acabado, valorizando o dinamismo das práticas culturais, como diz Canclini (1997).

A escola, como instrumentadora de conhecimentos, deve proporcionar aos alunos condições para que eles reflitam sobre suas produções artísticas, dando-lhes sentido, e para que reflitam também sobre a arte como conhecimento enriquecedor de sua bagagem cultural. O ensino de Arte (em todas as suas linguagens) deve orientar a ação criadora do aluno na experiência de fazer formas artísticas, utilizando informações e qualidades de percepção e imaginação que tenham significado próprio para cada um; deve também fazê-los refletir sobre a arte como objeto de conhecimento, compreendendo a história, os elementos e princípios que constituem a produção artística.

Será que o ensino de Arte em nossa região explora

suficientemente as culturas locais? Ou ficam esquecidas, sem consciência de sua contribuição para a educação? Elas estão ali, são o cotidiano das pessoas e por questionamentos feitos a professores de arte da região e pela escassa bibliografia existente, sabe-se que muito pouco se considera a cultura local. Diante disso, surgiu a preocupação e necessidade de refletir sobre o assunto.

Vendo até agora a importância da Arte na vida do ser humano e querendo que ela esteja em sintonia com a cultura local, com o cotidiano das pessoas, sugere-se uma realização arte-educativa mais completa e mais interligada ao meio social de abrangência. A compreensão do “conviver” proporciona maior consciência da realidade e de sua importância. Uma orientação sobre isso muito vai depender do/a docente de Artes.

Há que se qualificar profissionais da docência para que, através do processo de ensino, os alunos adquiram conhecimentos que ampliem sua condição de sujeitos diante da realidade pela alteração da qualidade de sua intervenção no real, que pode passar de rotineira a racional. Além do domínio de um saber, o/a docente precisa transmitir o conhecimento sobre o modo de produção desse saber, desenvolvendo a sua capacidade de transformação da realidade. Não basta que a natureza crie indivíduos altamente inteligentes, como diz Laraia (1992, p.42), isso até acontece com frequência. É preciso, sim, que se coloque ao alcance desses indivíduos o material que lhes permita exercer sua criatividade livremente.

As manifestações culturais da região Oeste de Santa Catarina precisam ser conhecidas e trabalhadas também no ensino superior regional, para maior qualificação da prática docente dos/as acadêmicos/as de Artes, novos/as arte-educadores/as. Entre tais manifestações, salientam-se aqui as narrativas orais vivenciadas pelas comunidades, para que se faça a articulação desse conhecimento com a Pluralidade Cultural, buscando uma maior integração com a comunidade e uma contribuição maior para o trabalho do educador. É aprendendo a valorizar o que se tem e pode fazer, que se consegue crescer e auxiliar os outros em seu desenvolvimento.

Maxine Greene (1994, p.14), ao comentar sobre a utilização das narrativas orais por educadores, coloca que: “Muitos começaram a descobrir que conseguem chegar mais perto de seus alunos se tentarem fazê-lo usando o pano de fundo de suas histórias de vida, suas próprias narrativas.” É uma forma de trazer as memórias dos antepassados para uma reflexão atual. Diz ainda que “as narrativas, percebemos, são as formas pelas quais gradualmente atribuímos significado aos eventos de nossas vidas”.

É fundamental entender que a arte é uma linguagem que proporciona momentos de conversa e reflexão, conhecimento e troca de experiências, que vêm resultar em elaborações e produções tanto individuais como conjuntas, imprimindo maior qualidade à ação educativa.

Rosa Iavelberg coloca que :

Cabe ao professor de hoje criar propostas pedagógicas, realizar transposições didáticas, projetar o desenho curricular em equipe, avaliá-lo, transformá-lo permanentemente, construir com os alunos uma micro-comunidade de pessoas pensantes e participativas, cidadãos que conhecem a sua própria cultura e a diversidade de culturas, respeitando e também sendo crítico, através dos conhecimentos, e não por uma indicação moral. O conhecimento acerca da diversidade cultural, que a arte pode tão bem promover, leva a criança a assumir uma nova atitude e, progressivamente, poder participar como cidadã em sua comunidade<sup>1</sup>.

Os PCNs orientam os professores de Arte através da proposta curricular no sentido de resguardar a construção artística pela articulação dos eixos da aprendizagem significativa: fazer, fruir e refletir. Não é fácil, porém, para muitos professores, realizar essa articulação no dia-a-dia. Não existe uma receita pronta e possivelmente nunca irá existir. Uma opção é a Proposta Triangular introduzida no ensino de arte no Brasil pela arte-educadora Ana Mae Barbosa (1995), adaptada da proposta do DBAE (Discipline-Based Art Education nos Estados Unidos), que leva em conta a formação do arte-educador e envolve o fazer artístico, a leitura da

imagem e a História da Arte, no desenrolar da atividade docente.

Deve-se, em função disso, proporcionar uma formação de maior qualidade e uma auto-preparação no ensino superior da área, procurando aprofundar o conhecimento a cerca das artes, indo além da produção artística, conscientizando o/a acadêmico/a do seu conhecimento sobre as manifestações culturais que o/a rodeiam, que são de fundamental importância na formação das pessoas e de que as narrativas orais são subsídios enriquecedores em sua atuação profissional.

### A Narrativa Oral: uma expressão artística

A comunicação oral é um dos recursos básicos para se conviver em comunidade. Sabe-se que o registro das informações do passado é produzido na memória, mas é transmitido inicialmente através da comunicação oral. Hoje já existem muitos registros escritos, porque há o cuidado para que não se perca o que é encontrado e o que se conhece.

As narrativas orais estão inseridas na literatura oral popular e seu registro tem sido geralmente realizado por folcloristas, com o objetivo de não deixar perder-se no tempo a “sabedoria popular” que nelas se faz presente. Os folcloristas se detêm mais no estudo do fato folclórico como contextualização histórica, geográfica, etc. sem esquecer porém, o seu significado social.

Na literatura oral tradicional da região encontram-se as narrativas orais, entre elas: o mito, a lenda, os contos, as fábulas e também as piadas. Neste momento serão enfocadas principalmente as lendas ou histórias locais que tomam esse sentido por serem transmitidas oralmente entre as pessoas de uma localidade. A meta da narração, diz Maria Victória Reyzábal (1999) é contar uma história, um fato real ou inventado, um acontecimento do cotidiano.

Como produto de uma atividade comunicativa, as narrativas estão ligadas ao contexto social de onde emergem, e contém funções educativas, recreativas e psicológicas inseridas na comunidade.

A variabilidade é uma das características fundamentais da literatura oral. Nos diz Beth Rondelli (1993) que:

As variações de uma narrativa podem diferir quanto às palavras empregadas, quanto à seqüência dos episódios, quanto à introdução de novos elementos e quanto ao próprio conteúdo das histórias, existindo, portanto, certo grau de criatividade do contador, que é também autor, na medida em que sua recriação contém doses de originalidade (p.26).

A maneira de contar os acontecimentos que se tornam à história de uma comunidade ou região é característica de cada pessoa que o faz. Durante a narração, o narrador as incrementa conforme o objetivo que se propôs ao contá-las, seja ele ensinar, provocar medo, como maneira de refrear principalmente as crianças e jovens, educar, divertir ou distrair. É importante estar ciente das funções que a narrativa pode ter, salienta Reyzábal (1999); isso também vai depender do contexto, do local e hora em que ela é contada, para se obter o resultado desejado.

Um texto narrado é conhecido pelos seus contadores através das gerações e/ou passado de um povo a outro e guardado na memória de cada um. Por isso é que ao narrar, cada um o faz a seu jeito e maneira, acrescentando elementos ou mesmo reduzindo, conforme já foi dito, ao que se propõe.

Ao colocar aos ouvintes, o narrador faz um registro das tradições, valores e conhecimentos da comunidade, daquilo que armazena em sua memória, a seu modo, o que faz com que com o tempo, as histórias se modifiquem, diz Rondelli (1993). Sabe-se que a memória conserva o registro das informações, as quais transmitidas oralmente, podem perder-se pelo tempo. Assim, a importância do registro das narrativas orais também através da arte tem o intuito de não deixar cair no esquecimento o que se conhece hoje.

A produção escrita não propõe a mesma relação do contador com o ouvinte, mas o objetivo não é transformar as narrativas em contos escritos, e sim registrá-los como acontecimentos trazidos pela

tradição e que pelo corre-corre da vida atual, começam a se desvanecer na trajetória do tempo. Embora, na opinião de muitos autores, as histórias não se desvanecem, mas se modificam.

A reflexão sobre as narrativas orais/arte faz perceber que elas se adaptam a qualquer uma das linguagens, seja, cênica, musical ou plástica. Todas podem ser trabalhadas dentro da Proposta Triangular, obtendo um grande êxito na atuação educativa que proposta.

Como diz Beatriz Cabral (1999, p.25), quando relaciona a narrativa ao teatro, “a educação inclui todas as esferas, uma vez que se propõe a exortar, convencer, e induzir à ação”. A atuação do professor influencia e estimula a participação das crianças. Ao relacionar a narração de histórias às aulas de artes, pode-se contextualizar a situação ou introduzir informações através de algum personagem, sem que se interrompa o envolvimento estético e artístico da atividade.

Apesar de todo o desenvolvimento tecnológico, é interessante que se cultive a narração de histórias, porque através delas a pessoa conhece suas raízes e valoriza o seu meio social. Também se desenvolve individualmente em todos os sentidos: usa sua criatividade, aprimora sua capacidade oral, distrai-se. A atividade contribui para a formação da personalidade, da identidade social, do raciocínio e até na elaboração de suas concepções religiosas, morais e artísticas, como também ativa a memória.

Embora a narrativa oral tenha seu maior valor na oralidade, representá-la através das linguagens artísticas, vai fazer com que aqueles que visualizem esse registro, busquem em sua memória, ou na de seus amigos e parentes, outras histórias que tenham sentidos semelhantes e comecem a re-valorizar os momentos de convívio que os meios de comunicação atual tanto dificultam. Não se trata aqui de ser contra o desenvolvimento tecnológico nas comunicações, mas de, ao sentir sua presença marcante no meio, não deixar-se tornar escravo dele, esquecendo os momentos de convivência em grupo (e até familiar) que são tão necessários ao ser humano.

Para que a narração oral aconteça, é necessário que o ouvinte esteja psicologicamente relaxado e predisposto a ouvi-la atentamente, de modo a usufruir do momento. Retê-la na memória, a fim de reproduzi-la mais tarde, não acontece para muitas pessoas. Conforme RONDELLI (1993), só acontecem onde existem laços de solidariedade e além de estimular esses laços, ainda colaboram no fortalecimento da integração social. São os grupos sociais que produzem o conhecimento e as determinações de cada região. Como diz Reyzábal (1999),

A tradição oral nos encaminha para nossas raízes e permite sermos partícipes da existência em coletividade. Iniciar meninos e meninas na palavra evocadora, nos ritmos e tons, facilita-lhes a aquisição e o desenvolvimento da motricidade, da fantasia, ajuda-os a desenvolver a memória, a estruturar o pensamento, a desfrutar esteticamente, a comprovar que é gratificante sentir-se acompanhado por longínquas e sugestivas vozes (p. 259).

As tradições difundidas através da literatura oral contêm idéias básicas de uma sociedade. No decorrer dos anos, com o desenvolvimento da tecnologia, com a TV, o videogame, o computador e outros, a tradição oral foi sendo deixada de lado, porém hoje está havendo uma conscientização disso e sente-se a necessidade de buscar as raízes, assim procurando fazer com que seja difundida na vivência atual. Emerge na realidade atual a solicitação do regresso valorativo da literatura oral, através dos próprios meios de comunicação que hoje utilizam uma linguagem coloquial. Para REYZÁBAL, (1999):

A literatura de tradição oral serviu para estimular o gosto dos seres humanos por brincar, por divertir-se, por ter prazer, por ouvir e falar ao redor do fogo, por instruir e recordar, por ensinar a resistir ou a tentar a rebelião, ou perceber de forma prazerosa o penhasco, os vales, a montanha, o rio, a flor, o urso, o filhote do lobo ou do pássaro, do meio em geral enquanto História, Geografia, Economia, Cultura e, dentro dela, os produtos da imaginação, não menos reais que os outros (p.273).

Ao resgatar a literatura oral regional, visando sua utilização no fazer docente em arte, pode-se utilizar os textos coletados para estudos, estimular a capacidade criativa dos alunos e aproveitar também, para a interpretação das obras, dados históricos, sociais, econômicos, religiosos e estéticos.

Na relação das narrativas orais com a arte, evidenciam-se artistas como Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Vicente do Rego Monteiro, Portinari e outros que realizaram muitas de suas obras representando fatos e histórias que fazem parte da vida cotidiana das pessoas, registradas em Santa Rosa (2001).

O conhecimento das lendas e narrativas orais e de outras manifestações culturais, muito pode influir na formação do/a profissional de Artes preparado/a no ensino superior, assim como na atuação do arte-educador. Através desta reflexão, sugere-se relacionar a cultura vivenciada pelo educando ao ensino da arte, que muito contribuirá em sua formação como cidadão e como ser humano atuante, inserido na sociedade.

## Notas

\* Baseado na Dissertação de Mestrado: Arte, Narrativa oral e Pluralidade Cultural no Ensino Superior, UFSC, 2001.

\*\*Aurora Terezinha Doering Brustolin, atua como professora nos cursos de Artes Visuais e Pedagogia da UNOCHAPECÓ. É graduada em Licenciatura em Desenho e Plástica pela UPF, pós-graduada em Folclore pela Faculdade de Música Palestrina de POA-RS e Mestre em Educação pela UFSC.

<sup>1</sup> Integrante da equipe responsável pela elaboração dos PCNs/Arte. Rev. Pátio, maio julho 97, aborda o tema no artigo Pedagogia da Arte ou Arte Pedagógica.

## Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CABRAL, Beatriz (org.). **Ensino do Teatro: experiências Interculturais**. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. **A Socialização da Arte: teoria e prática na América Latina**. São Paulo: Cultrix, 1980.

\_\_\_\_\_. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Ed. da Universidade de S. Paulo, 1997.

CÂMARA CASCUDO, Luiz da. **Literatura oral no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à Prática educativa**. 11a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GREENE, Maxine. **Multiculturalism, Community and the Arts, The Need for story: Cultural Diversity in Classroom and Community**. (org: Anne Haas Dyson & Celia Genishi). The National Council of teachers of English, EUA, 1994.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A, 1999.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

INOUE, Ana Amélia, MIGLIORINI, Regina de Fátima, D'AMBROSIO, Ubiratan. **Temas Transversais em Educação em valores Humanos**. São Paulo: Ed Fun. Peirópolis, 1999.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

MASETTO, Marcos T. e BREU, C. M. **O professor universitário em Aula**. São Paulo: MG, 1990.

MEGALE, Nilza B. **Folclore Brasileiro**. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1999.

REYZÁBAL, Maria Victória. **A Comunicação Oral e sua Didática**.

Bauru, São Paulo, EDUSC-Ed. da Universidade do Sagrado Coração,1999.

RONDELLI, Beth. **O Narrado e o Vivido**. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC,1993.

SANTA ROSA, Nereide Schilaro. **Lendas e Personagens**. S. Paulo: Moderna, 2001.

## Abstract

This text aims to make a reflection on the importance of cultural events in the teaching of art. It comments on cultural plurality, the cross-cutting themes in education, the role of school and the art-educator in relation to culture. Mainly evidence among the demonstrations, the recovery of oral narratives from each region, instigating its knowledge and memory through redemption in activities developed in the educational process and recorded through the artistic representation.

**Keywords:** Cultural plurality; Theaching of Art; oral Narratives.

